

# “ÁGUA VIRA SAL LÁ NA SALINA”: O GLOSSÁRIO DOS TERMOS DO SAL NO RIO GRANDE DO NORTE NUMA PERSPECTIVA SOCIOTERMINOLÓGICA

Moisés Batista da Silva\*

*Palavras que muito amei,  
que talvez ame ainda.  
Elas são a casa, o sal da língua.  
(O Sal da Língua -Eugênio de Andrade)*

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar resultados da pesquisa sobre os termos usados na Indústria do sal, em três municípios que fazem parte da região salina do Rio Grande do Norte. Primeiramente, abordamos as diferentes ciências do Léxico estudadas por Boutin-Quesnel (1985), Barbosa (1994,1995), Barros (2004), dando ênfase maior nas orientações teórico-metodológicas da Socioterminologia (FAULSTICH, 1995, 1996, 1998, 2006). Em seguida, expomos os procedimentos tanto da metodologia de campo quanto da metodologia da organização do Glossário da Terminologia do Sal - GLOSSAL (SILVA, 2007). Depois, apresentamos uma amostra dos verbetes, as análises feitas a partir desse repertório e, por fim, as considerações finais quanto aos fatos linguísticos, observados nesse glossário. Desse modo, essa pesquisa se justifica por possibilitar a divulgação de um produto terminográfico destinado, não só aos especialistas e pesquisadores das Ciências do Léxico, como também ao grande público e aos interessados em aprofundar seus estudos na terminologia do sal.

**Palavras-chave:** Sal. Indústria do Sal. Terminologia. Socioterminologia. Glossário.

## Abstract

This work has as a main aim showing the research results on terms used in Salt Industry, in three cities, which comprehends salty region in Rio Grande, do Norte. Firstly, we approach the different Lexical sciences as studied by Boutin Quesnel (1985), Barbosa (1994, 1996), Barros (2004) giving emphasis in Socioterminology methodological and theoretical guidelines (FAULSTICH, 1995, 1996, 1998, 2006). Then, we expose the field methodology procedure and organizational methodology in Glossário da Terminologia do Sal – GLOSSAL (SILVA, 2007). After, we present an entry sample, the analysis accomplished from the repertoire and, to conclude, some final considerations related to linguistic facts, observed in this glossary. This research is justified in its spreading possibility of a terminological product designed not only to specialists and Lexical Science researchers, but also to a wider audience and to everyone interested in salt terminology.

**Key words:** Salt, Salt Industry, Terminology, Socioterminology, Glossary.

---

\* Professor do Departamento de Letras Vernáculas, da Faculdade de Letras e Artes, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por acreditarmos que não é possível fazer análise linguística tomando a língua como um fenômeno isolado, sem qualquer ligação com o mundo extralinguístico e com os usuários que dela se utilizam em situações concretas de comunicação, partimos do pressuposto de que toda língua é produto da cultura de um grupo de indivíduos e, ao mesmo tempo, o veículo de expressão desta cultura e de que o léxico é o nível da língua que melhor desempenha esta função.

O trabalho em questão apresenta o resultado da pesquisa (SILVA, 2007), para fins de dissertação de Mestrado<sup>1</sup>, que fez um levantamento dos termos utilizados por indivíduos que desenvolvem atividades profissionais relacionadas à indústria do sal. Assim, o principal objetivo da pesquisa foi a elaboração de um glossário socioterminológico dos termos da indústria do sal, registrados nas localidades de Mossoró, Areia Branca e Grossos. Estes são alguns dos principais municípios que compõem a região salineira do Estado do Rio Grande do Norte.

Além desse objetivo geral, tivemos também outros objetivos específicos, tais como: a) levantar um número representativo dos termos da Indústria do Sal, usados tanto no discurso oral quanto no escrito; b) registrar as variantes dos termos em suas dimensões social, geográfica e linguística, ou seja, numa perspectiva socioterminológica; e c) identificar as unidades fraseológicas pertencentes à Terminologia do Sal;

Um dos motivos fundamentais que justifica o tema escolhido, do ponto de vista linguístico, é o fato de não existirem, que seja do nosso conhecimento, propostas de organização e sistematização de vocabulários técnico-especializados relativos à indústria do sal. Assim, a proposta de um trabalho desse tipo é proporcionar à sociedade em geral uma divulgação mais ampla dos conhecimentos sobre o domínio em questão, como também criar para os especialistas da área ou iniciantes da matéria um instrumento de auxílio profissional.

Dentre outros motivos, a escolha do tema se dá também, principalmente, pelas seguintes razões:

A produção do sal é uma das maiores e principais fontes de economia do Estado do Rio Grande do Norte, que é o maior produtor de sal do Brasil, responsável por mais de 95% da produção. Como exemplo disso, temos o Terminal Salineiro de Areia Branca, o Porto-Ilha, que embarca o sal produzido e destinado ao abastecimento do mercado nacional e internacional. Este Terminal tem uma importância enorme para a economia brasileira. É dele que escoada toda a produção de sal, in natura, do Rio Grande do Norte.

Esse pólo salineiro gera cinco mil empregos nos municípios de Areia Branca e Grossos. Principal fonte de economia da região, o sal tem uma importância considerável também na balança comercial do Estado.

Além da sua importância econômica, o sal também tem o seu valor histórico, cultural e social para o Estado, principalmente para os municípios que fizeram parte da nossa pesquisa. A utilização do sal está presente na alimentação, na saúde, na limpeza de casa. O sal também está envolvido em diversas situações na cultura local através da sabedoria popular.

Queremos, então, com o nosso trabalho, contribuir com a construção da história da região pesquisada, mostrando o valor e a riqueza de conhecimento que a Indústria salineira tem também na sua terminologia. Isto porque a pesquisa de uma atividade tão específica e representativa como a da produção do sal nessa região, permitiu-nos adentrar o universo cultural de um povo, reconhecendo nele as suas influências históricas, como também o seu perfil social.

## 1 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

De modo geral, os ramos do saber que se ocupam do estudo, da análise e da descrição do léxico são a lexicologia, a lexicografia, a terminologia e terminografia. Além dessas, atualmente, surge também a Socioterminologia, uma nova abordagem que se interessa pelo movimento das variações dos termos das línguas de especialidade. Aqui a Socioterminologia constitui a vertente a qual adotamos para nortear, de modo particular, toda a nossa pesquisa.

Baseado em pressupostos teóricos linguísticos, a **Lexicologia** se define como uma disciplina teórica e científica do léxico que é o conjunto de palavras (unidades lexicais) de uma dada língua. Sobre este estudo, Barros (2004: 60), afirma:

*Sua unidade padrão é a unidade lexical, caracterizada pela não-separabilidade dos elementos que a realizam do ponto de vista fonético e é identificada pela possibilidade de comunicação no sintagma ou frase [...] Em Lexicologia a análise do signo pode ser feita em diferentes perspectivas, de acordo com o recorrente no tempo e no espaço: ponto de vista sincrônico, diacrônico ou ainda pancrônico; sintópico e diatópico.*

Atualmente, a Lexicologia se ocupa com os problemas relativos à formação das palavras, tais como a categorização e a estruturação do léxico. Mas, além disso, ela realiza também o estudo das significações linguísticas, mantendo uma estreita relação com a semântica. Ou seja,

<sup>1</sup> Dissertação de Mestrado defendida em fevereiro de 2007, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Área de Concentração: Linguística. Linha de Pesquisa: Descrição e Análise Linguística, sob orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

a lexicologia se ocupa dos aspectos formais e semânticos das unidades lexicais de uma língua.

Aqui é importante também frisar que o léxico de uma língua é potencialmente infinito. Como afirma a célebre lexicógrafa Rey-Debove (1971), mesmo os dicionários mais ricos não podem repertoriar todas as palavras de uma língua. O dicionário é uma ferramenta indispensável para a lexicologia, mas ele não é a ferramenta exclusiva. Isto quer dizer que não podemos nos contentar apenas com as palavras registradas nos dicionários para definir o léxico de uma língua.

A **Lexicografia** é a ciência voltada para as técnicas dos dicionários de língua (ou especiais) e para análise da descrição da língua, feitas por essas obras lexicográficas. Basicamente, a lexicografia é uma disciplina aplicada: ela se ocupa da elaboração de dicionários, vocabulários, glossários. Por isso é que se diz que as pesquisas lexicológicas podem ter aplicações lexicográficas.

Os dicionários de língua registram unidades lexicais em todas as suas variações morfofossintáticas e em todas as suas acepções. É de responsabilidade também da Lexicografia a produção dos chamados dicionários especiais, ou seja, dicionários de língua que registram só um tipo de unidade lexical ou fraseológica, como os dicionários de gírias, de ditados, de provérbios, de sinônimos e de antônimos. Estes dicionários podem ser monolíngües, bilíngües ou multilíngües.

Já para Barbosa (1990: 153), a Lexicografia é definida como sendo uma tecnologia que trata da palavra no que concerne à atividade de compilação, classificação e análise das unidades do léxico e sua organização em dicionários, vocabulários técnico-científicos e vocabulários especializados. Na verdade, a Lexicografia é uma aplicação dos fundamentos teóricos e metodológicos da Lexicologia.

Por isso é que, semelhantemente à Lexicologia, a Lexicografia tem despertado um grande interesse dos lingüistas, por também desenvolver trabalhos de descrição do léxico. Mas a atividade desta disciplina já é bem antiga e tradicional, como observa Krieger e Finatto (2004: 47):

*No conjunto das disciplinas que, em razão de seus objetos e propósitos, são correlatas à Terminologia situa-se a Lexicografia, consensualmente definida como arte ou técnica de compor dicionários. A Lexicografia ocupa um lugar histórico entre as disciplinas dedicadas ao léxico, pois milenar é sua atividade essencial.*

Para Cabré (1995), o termo **terminologia** pode ser usado para designar uma disciplina, uma prática ou o produto gerado por essa prática. A causa dessa diversidade de definições para este termo, está na perspectiva “poliédrica” da terminologia com relação a seus fundamentos, seus enfoques e suas aplicações práticas.

Também Sager (1998), concordando com Cabré, afirma que, a terminologia, como teoria, é um conjunto de premissas, argumentos e conclusões necessários para explicar o relacionamento entre conceitos e termos especializados; como prática, é um conjunto de métodos e atividades voltado para coleta, descrição, processamento e apresentação de termos; e como produto, é um conjunto de termos, ou vocabulário, de uma determinada especialidade.

Assim, por meio das diversas definições dadas à Terminologia, podemos observar que esta se constitui numa disciplina (ciência) que tem como principal ocupação o estudo e a descrição do léxico. Ou seja, dos *termos* ou *lexias* que adquirem uma certa especialidade na linguagem usada por uma determinada área do conhecimento humano (as línguas de especialidade). Enquanto prática, a Terminologia ocupa-se da “aplicação de um saber a um fazer, ou seja, à elaboração de obras terminológicas.” (Ferreira, 1997: 7). E nesta perspectiva, que entra em jogo, então, a Terminografia.

A Terminologia, além de ser é uma disciplina teórica, ela se utiliza da Linguística, das Ciências da Comunicação, das Ciências Cognitivas, da Ciência da Informação e das especialidades particulares. Por isso, é um campo inter e transdisciplinar que envolve a descrição e a ordem do conhecimento e sua transferência, tendo como elementos centrais os conceitos e termos. Assim, a Terminologia compreende o estudo científico dos conceitos e seus respectivos termos no seu funcionamento social e pertencentes a áreas da experiência humana.

Além disso, a Terminologia tem como tarefa observar as unidades da língua natural e da comunicação especializada e propor a representação de conceitos e sistemas de conceitos através de termos; agilizar a comunicação entre especialistas, bem como entre especialistas e o público em geral. Esta disciplina assume, portanto, funções de comunicação e de representação, como também procura o consenso e propõe formas de controle da diversidade de significação.

A **Terminografia** compreende uma face aplicada, voltada à produção de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados, podendo também ser chamada de Lexicografia Especializada. Sua estreita relação com a Terminologia se dá por causa dos seus fundamentos teóricos para a realização do trabalho terminográfico.

Mesmo sendo considerada um ramo da Terminologia, a Terminografia tem sua identidade própria. Ela estabelece os dicionários terminológicos como seu objeto de estudo.

Sobre uma distinção básica entre as duas, Barros (2004: 68) aponta que a Terminologia e a Terminografia se diferenciam, *grosso modo*, pelo caráter científico da primeira e pelo caráter tecnológico da segunda. Assim, enquanto a Terminologia é uma ciência fundamental, a Terminografia é aplicada. Mas as reflexões teóricas da Terminografia também lhe atribuem um estatuto de ci-

ência básica. Ou seja, ela é ao mesmo tempo uma ciência teórica-prática e aplicada.

Enfim, embora as duas ciências tenham aplicações diferentes no tratamento da unidade terminológica, elas são complementares e têm tarefas em comum. A Terminografia apresenta-se como um ramo da Terminologia aplicada. Por isso é que, segundo Cabré (1995), muitas vezes é confundida com a Terminologia.

## 1.1 A Socioterminologia

No ano de 1982, no Colóquio internacional *Problèmes de la définition et de la synonymie en terminologie*, Boulanger vai utilizar pela primeira vez a palavra *socioterminologia*. Naquele contexto, socioterminologia significava uma aproximação da terminologia ao estudo do uso linguístico.

Boulanger, em 1991, no seu artigo *Une lecture socioculturelle de la terminologie*, declarou que a perspectiva socioterminológica “vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas” (p.25). Daí é que Boulanger rechaçou o ponto de vista puramente prescritivo em que a terminologia se estruturava.

A Socioterminologia também foi proposta por François Gaudin, na França e pelos trabalhos desenvolvidos no Canadá, com Pierre Auger, entre outros. No ano 1993, Gaudin publica a sua tese doutoral *Pour une socioterminologie: des problèmes pratiques aux pratiques institutionnelles*. Nesta obra, o autor mostra as grandes linhas de evolução histórica da Terminologia moderna, faz uma revisão crítica dos postulados fundamentais da Terminologia tradicional, oferecendo-nos uma nova orientação e discutindo com mais pertinência a propriedade da terminologia voltada para o social.

Segundo Faulstich (1995: 281), a Socioterminologia focaliza o dado terminológico de maneira contrária à postura da década de 30 que admitia ser a língua um bloco homogêneo e uniforme, não havendo, assim, lugar para a *variação linguística*. Falando mais especificamente, na Terminologia clássica, não há lugar para a *variação terminológica e socioterminológica*

Portanto, situar uma pesquisa em uma perspectiva socioterminológica é de fundamental importância para a integração dos diferentes meios sociais, mostrando que um trabalho terminológico não pode deixar de lado o aspecto das variantes sócio-profissionais, temporais ou geográficas, por exemplo.

Para Faulstich (1998: 4), a Socioterminologia é uma disciplina que se interessa pelo movimento do termo nas línguas de especialidade. E vendo a importância da relação da Terminologia, uma ciência relativamente nova, com a Socioterminologia, uma disciplina mais nova ainda, Faulstich, no seu artigo *A Socioterminologia na Comunicação científica e técnica* (2006: 27), afirma o seguinte:

*Para falar de socioterminologia é preciso, antes de tudo, situar a terminologia no espaço da interação social. No Brasil, por exemplo, a história da terminologia se confunde com a formação da sociedade brasileira por meio da mistura de falares dos habitantes naturais da terra e dos que para cá vieram. Vejam-se, nos dicionários, termos da fauna e da flora, como indicadores da terminologia indígena no português brasileiro [...]. Assim sendo, não é novidade dizer que a diversidade da cultura brasileira aparece refletida na terminologia cotidiana.*

Por isso, os pesquisadores em Socioterminologia observam que o uso da língua permite a identificação e a categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso. Dessa forma, identificar implica também distinguir entre uma variante e um termo, tarefa, às vezes não muito fácil.

### 1.1.1 As variantes

Uma postura prescritivista e preconceituosa nos estudos de terminologia, comumente, pode ter a seguinte visão: à expressão que já está estabelecida como termo, no discurso científico ou técnico de maior prestígio, é atribuída o maior peso de valor ideológico, resultando como o termo preferido, o recomendado, podendo ser registrado nos dicionários terminológicos. Portanto, não há o uso e a valorização da variante. Mas não é assim que a socioterminologia vê a variante.

A variante, na visão da socioterminológica, é cada uma das formas existentes para um termo, ou seja, é uma forma de alternância como o termo pode ser apresentado. São resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica faz do termo.

Segundo, Faulstich (1996), o princípio subjacente da pesquisa Socioterminológica é o registro das variantes que leva em conta os contextos social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam; não abandona também a frequência de uso, se for este o método escolhido pelo especialista.

A tarefa da Socioterminologia é a sistematização dessas variantes. Assim, o seu estatuto fica assegurado pela análise da diversidade de termos que ocorrem nos planos vertical, horizontal e temporal da língua. Por isso, no dizer de Faulstich (1996:1):

*Para que se estabeleçam padrões socioterminológicos existentes na funcionalidade da terminologia das linguagens de especialidade, é preciso, antes de tudo, reconhecer esses padrões de acordo com uma metodologia linguística que afaste o estudo da terminologia do padrão prescritivista, até então único método usado na descrição terminológica. O modelo mais adequado, por conseguinte, é o funcionalismo linguístico cuja abordagem é orientada para*

*os fenômenos linguísticos em si. Essa perspectiva tem como objeto científico descrever e explicar os próprios fenômenos linguísticos, trabalho a ser feito pelo pesquisador variacionista.*

Mas aqui, não podemos confundir socioterminologia com sociolinguística. A socioterminologia se ocupa da variação social que o termo sofre nos diversos níveis e planos hierárquicos do discurso científico e técnico. Já a sociolinguística trata da variação social por que passa a língua geral, no decorrer de sua sincronia, em vista da mudança que poderá vir a ocorrer. O modelo sociolinguístico funciona como um guia para o exame da funcionalidade socioterminológica cujo *corpus* é a linguagem de especialidade.

Para Faulstich (op. cit., p.1), uma das tarefas que devem ser cumpridas pelo pesquisador variacionista, especialista em terminologia, para responder aos princípios de descrição e de análise de terminologias, entre outras, é a de identificar os fenômenos linguísticos variáveis que ocorrem no sistema interno da língua na qual estão redigidos os textos de especialidade. Portanto, é só na dimensão vocabular de um corpus textual, de preferência especializado, que é possível avaliar o que varia e como as terminologias variam.

A variação se explica pelo movimento gradual da língua no tempo e no espaço. Os fenômenos de variação se encontram no sistema interno da língua e se repercutem de maneira sistemática na linguagem.

Portanto, a inclusão do fator *social* em trabalhos terminológicos/terminográficos mostra-se atualmente um imperativo em estudos que tratam de línguas de especialidade uma vez que já é reconhecido o fato de que, apesar destas línguas apresentarem *univocidade de referência*, há, contudo, uma variação léxica/terminológica considerável dos termos a ser observada. Daí, surge a necessidade de se estabelecer um método próprio para a sistematização dos termos e suas variantes.

Assim sendo, a pesquisa socioterminológica precisa ser auxiliada, em primeiro lugar, pelos princípios da sociolinguística, tais como os critérios de variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança; em segundo lugar, os princípios de etnografia. Por meio de métodos etnográficos, segundo Faulstich (1996), o pesquisador variacionista pode mensurar como se processam as comunicações entre os membros da sociedade, capazes de gerar conceitos diferenciados para um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito.

### 1.1.2 Tipologias de Repertórios Lexicográficos e Terminográficos

Existem várias maneiras de classificar os repertórios. Isto depende muito, é claro, da visão de cada pesquisador. Para que possamos ter um entendimento panorâmico, mas não superficial, desses repertórios, vejamos abaixo as clas-

sificações segundo Boutin-Quesnel e Faulstich para os Repertórios texicográficos e terminográficos.

A tipologia proposta pelo Office de La Langue Française baseia-se no nível de atualização da unidade lexical. Mesmo assim, Boutin-Quesnel et al. (1985), em *Vocabulaire Systématique de la Terminologie*, expõem uma tipologia não-exaustiva de repertórios lexicográficos e terminológicos.

Primeiramente, temos o **dicionário** que é o repertório de unidades lexicais que contém informações de natureza fonética, gramatical, conceitual, semântica ou referencial. Boutin-Quesnel apresenta sete tipos: dicionário de língua (dicionário geral, tesouro, dicionário especial), dicionário enciclopédico, dicionário ilustrado, dicionário monolíngue, dicionário multilíngüe, dicionário de tradução, dicionário terminológico.

Em seguida, temos o **vocabulário** que consiste no repertório que inventaria os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por estes termos por meio de definições ou de ilustrações. São quatro tipos de vocabulário por Boutin-Quesnel: vocabulário alfabético, vocabulário sistemático, vocabulário monolíngüe, vocabulário multilíngüe.

Depois, temos o **léxico** que é repertório que inventaria termos acompanhados de seus equivalentes de uma ou várias línguas e que não comporta definições. Para o *Vocabulaire*, os léxicos contêm geralmente um só domínio. São dois tipos: léxico alfabético e léxico sistemático.

Já Faulstich (1995) cita esta tipologia Boutin-Quesnel, mas acrescenta alguns tipos que não aparecem na obra *Vocabulaire Systématique de la Terminologie*. Vejamos agora as contribuições de Faulstich.

Em primeiro lugar, a autora acrescenta, dentro da tipologia dicionário, o dicionário histórico, entre o dicionário ilustrado e o dicionário monolíngüe. Para a autora, um **dicionário histórico** é um dicionário que descreve as unidades lexicais de língua escrita, selecionadas em documentação histórica.

Por fim, temos o **glossário** que tem a seguinte definição: é um repertório que define ou explica os termos antigos, raros ou desconhecidos. Para Faulstich, esta definição dada pelo *Vocabulaire* é insatisfatória. Por isso, ela elabora três definições para glossário:

1º) Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.

2º) Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência. Nota: os glossários em ordem alfabética e os em ordem sistemática podem também conter sinonímia, variante(s) e equivalente(s).

3º) Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática

*seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência. Nota: este tipo de glossário é útil para tradutores e intérpretes; elabora-se, normalmente, a partir de bases textuais informatizadas. (Faulstich, 1995: 6).*

Mais adiante, essas definições apresentadas por Faulstich serão tomadas como base para a tipologia do nosso glossário.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

### 2.1 Metodologia da pesquisa de campo

Os instrumentos que utilizamos na pesquisa foram: a) ficha dos informantes; b) ficha das empresas; c) fichas terminológicas; d) questionários; e) fichas das localidades.

Quanto ao *corpus* da pesquisa, este foi constituído de textos falados e escritos. O *corpus* falado constitui-se basicamente dos textos orais (24 entrevistas transcritas). Cada informante foi entrevistado uma vez. Já o *corpus* escrito está constituído de 8 textos especializados sobre o sal e sobre a Indústria Salineira. Estes textos serviram também para a complementação de informações, quando os textos orais eram, em algum momento, insuficientes ao tentar definir os termos especializados da área em estudo.

O universo da Pesquisa constitui-se basicamente dos trabalhadores que atuam direta ou indiretamente na Indústria do sal, das localidades Mossoró, Areia Branca e Grossos, municípios que fazem parte da microrregião de Mossoró.<sup>2</sup> A escolha de tais municípios se justifica pelo fato de estes serem, primordialmente, os maiores e principais produtores de sal não só do Estado do Rio Grande do Norte, como também de todo o Brasil.

Os informantes que constituíram o universo da pesquisa são: donos e gerentes de Salinas, Moagens e Refinarias; encarregados de Salinas; operários da Indústria do Sal e vendedores de sal. Os informantes foram selecionados a partir dos seguintes critérios:

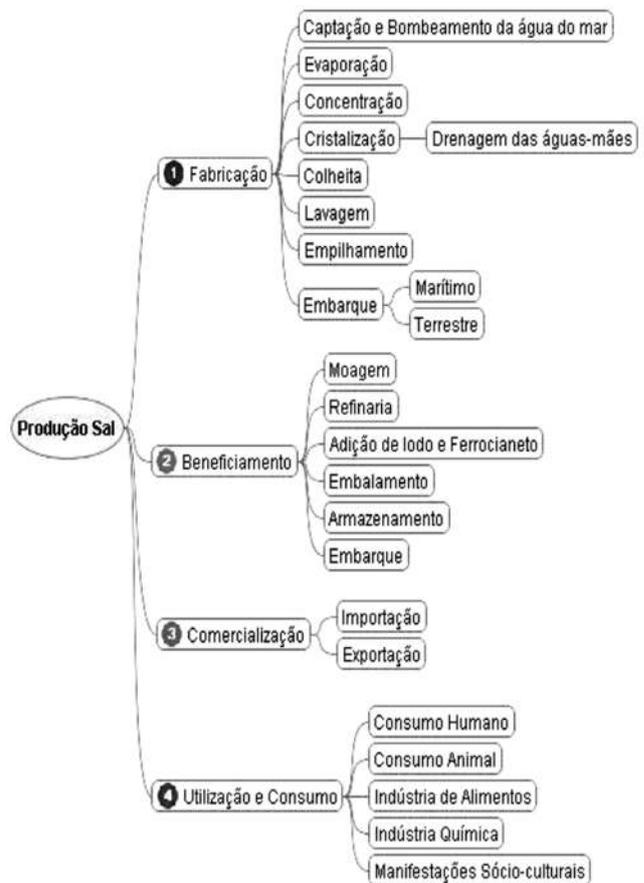
- a) trabalhar na Indústria do Sal, direta ou indiretamente;
- b) trabalhar na Indústria do Sal há pelo menos 2 (dois) anos;
- c) sexo: masculino;
- d) faixa etária: acima de 18 (dezoito) anos de idade até 71 anos;
- e) Escolaridade: fundamental, médio e superior;
- f) ser natural e residir nas localidades pesquisadas.

Foram realizadas 24 entrevistas, com informantes do sexo masculino, com diferentes graus de escolaridade. Vejamos como ficou a distribuição da amostra:

- a) número de informantes: 24 informantes;
- b) sexo: masculino: 24 informantes;
- c) faixa etária: de 18 a 32 anos: 8 informantes, de 33 a 47 anos: 8 informantes e acima de 48 anos: 8 informantes;
- d) Grau de escolaridade: fundamental: 8 informantes, médio: 8 informantes, superior: 8 informantes;
- e) Localidade: Mossoró: 8, Areia Branca: 8 e Grossos: 8.

#### 2.1.1 Levantamento dos dados

O Processo de Produção do Sal constitui-se basicamente de quatro grandes etapas: fabricação, beneficiamento, comercialização e utilização e consumo. Cada uma delas subdividida em outras atividades. Para melhor compreensão, apresentamos abaixo um esquema conceitual que é, praticamente, um fluxograma desse processo.



Esquema 1 - Processo da produção do sal.

<sup>2</sup> A microrregião de Mossoró pertencente à mesorregião Oeste Potiguar do Rio Grande do Norte Sua população foi estimada, em 2006 pelo IBGE, em 296.189 habitantes, composta pelos seguintes municípios: Areia Branca, Baraúna, Grossos, Mossoró, Serra do Mel e Tibau. Tem uma área total de 4.198,951 km<sup>2</sup>.

### a) Aplicação dos Instrumentos de Pesquisa: questionários para as entrevistas

Foi necessário, primeiramente, conhecermos a estrutura e o processo da produção do sal, para só depois elaborarmos os questionários que serviram de base para as entrevistas.

Esses questionários foram constituídos de perguntas genéricas e específicas, feitas aos donos, gerentes ou encarregados de salinas, moagens, refinarias para que pudessemos conhecer o processo da produção, obter informações gerais e enciclopédicas que apareceriam em notas explicativas, quando fosse necessário, como também levantar a terminologia que é usada na Indústria do sal. O questionário com perguntas mais específicas foi feito com os operários da indústria do sal, a partir do conhecimento do processo da produção do sal, para levantarmos a terminologia usada no domínio em foco.

Esses questionários foram organizados com perguntas relativas ao mundo sociolinguístico que caracteriza a terminologia em análise. A partir desses questionários surgiram outras perguntas, já que as entrevistas foram dirigidas em forma de conversa informal. Mas antes da aplicação do questionário, explicamos aos informantes qual era o objetivo da pesquisa e como os resultados seriam utilizados. E ao terminar as entrevistas, para maior controle, identificamos imediatamente as gravações.

### b) Transcrição das entrevistas, armazenamento e tratamento dos textos

Fizemos a gravação e a transcrição integral de todas as entrevistas dos informantes. Além disso, no que diz respeito aos textos escritos, utilizamos também um *scanner* por meio do qual foi possível digitalizar os textos para o computador no formato **.doc**. com ajuda de um *software* de Reconhecimento Óptico de Caracter (OCR). Depois, estes textos foram salvos em **.txt**, já que este é o formato permitido pelo *WordSmith 4.0*,<sup>3</sup> programa com o qual trabalhamos no tratamento dos termos da nossa pesquisa.<sup>4</sup>

No que se refere ao nosso *corpus* de exclusão, ele foi constituído de 224 arquivos de textos jornalísticos de assuntos diversos retirados dos sites de dois jornais da cidade de Mossoró: o Jornal Gazeta do Oeste e o Jornal de Fato.<sup>5</sup> Nesse *corpus* foram registrados 19.998 vocábulos. A partir daí é que usamos a ferramenta *Keywords* para criar uma lista de palavras-chave, comparando este *corpus* de

referência com o *corpus* de estudo que teve 11.065 vocábulos. A operação resultou em 355 palavras-chave.

### c) Registro dos dados: preenchimento das fichas

Os dados relevantes e pertinentes a cada uma das unidades terminológicas foram registrados em fichas terminológicas. O preenchimento dessas fichas possibilitou a organização das informações da pesquisa. Assim, nessas fichas, os campos previstos que levamos em consideração são: a) código; b) termo-entrada; c) referências gramaticais; d) registro da variante; e) conceitos dos informantes para o termo; f) nome do informante (+ código da ficha do informante); g) definição final; h) contexto e fonte; i) remissivas; j) notas linguísticas e enciclopédicas; l) domínio de aplicação; m) indicação de dicionarização e suas acepções dicionarizadas; n) campo conceitual: indicação do campo ao qual pertence o termo na pesquisa em foco; o) pesquisador; p) data do primeiro registro e da última atualização da ficha.

## 2.2 Metodologia da organização do glossário dos termos do sal

Apresentamos abaixo alguns elementos que caracterizam o repertório terminológico:

a) quanto à classificação tipológica: é um glossário.<sup>6</sup> O glossário não é só a parte prática da pesquisa, como também o próprio cerne de todo o trabalho. Aqui o termo “glossário” designa o repertório em que os verbetes, normalmente de uma área técnica ou científica, são apresentados em ordem alfabética e constituídos da informação gramatical, acompanhados, quando isto é possível, das variantes, da definição e do contexto de ocorrência, como também das remissivas e das notas explicativas. Além disso, são registradas a área de conhecimento, a dicionarização e o campo conceitual em que é apresentado no domínio em questão. Denominamos este nosso glossário de GLOSSAL.<sup>7</sup>

b) quanto ao público-alvo: é destinado à Sociedade em geral;

c) quanto à natureza das informações veiculadas pelos verbetes: é de natureza linguística, mas, se necessário, podendo conter em nota explicativa informações enciclopédicas;

d) quanto ao número de línguas: é monolíngue;

e) quanto ao percurso metodológico da pesquisa terminológica: tem um percurso semasiológico, pois partimos do termo para chegar ao conceito.

<sup>3</sup> Os direitos autorais deste programa são de Mike Scott, mas uma versão demo pode ser encontrada no site [www.lexically.net](http://www.lexically.net).

<sup>4</sup> Escolhemos trabalhar com o *WordSmith 4.0* por causa de suas grandes vantagens: é rápido, trabalha a construção da lista de palavras a uma taxa de 3 milhões de palavras por minuto; a sua é visualização clara; não há limite de tamanho do texto ou quantidade de textos; a construção de sentidos é facilitada pelas concordâncias fornecidas para cada palavra a partir de uma lista de palavras-chave.

<sup>5</sup> Os textos foram copiados dos sites [www.defato.com](http://www.defato.com) e [www.gazetadooeste.com.br](http://www.gazetadooeste.com.br) e transformados em textos puros (txt), nos dias 17 e 18 de março e de 8 a 16 de junho de 2006.

<sup>6</sup> As definições de Faulstich (1995: 6) para glossário foram tomadas como base para a definição do nosso.

<sup>7</sup> O acrônimo GLOSSAL corresponde a Glossário do Sal.

f) quanto à quantidade de unidades lexicais tratadas: o glossário consta-se 325 termos, um número considerado representativo das unidades terminológicas da área em foco.

g) quanto à cadeia interpretante: tem um sistema aberto. Isto quer dizer que adotamos o tratamento dos termos do domínio em foco, mas, sempre que necessário, remetendo-nos a outros domínios, pois na pesquisa encontramos tanto termos de uso comum, quanto termos de outros domínios especializados emprestados destas dimensões para o domínio em foco.

h) quanto à ordem das entradas na macroestrutura: é alfassistemático, ou seja, a metodologia da elaboração foi baseada em um sistema conceitual, mas a apresentação formal da macroestrutura seguiu a ordem alfabética contínua: na sequência não levamos em conta os caracteres não-alfabéticos ou sinais diacríticos (apóstrofo, hífen, cedilha, til, acentos diferenciais e outros).

### 2.2.1 Delimitação da Nomenclatura do Glossário

Os tipos de unidades linguísticas que fizeram parte da nomenclatura são os substantivos, os adjetivos e os verbos. De acordo com a terminologia de Pottier (1987), chamamos estas unidades léxicas de *lexias simples*, *lexias compostas* e *lexias complexas*.<sup>8</sup> O importante é que os termos efetivamente empregados no discurso em questão fossem contemplados.<sup>9</sup>

O glossário teve como entrada: a) termos que denominam ações, processos, operações, tarefas, máquinas, objetos, instrumentos, equipamentos, utilidades, função/profissão e tipos de produtos que estão relacionados à indústria e à cultura do sal; b) termos que completam conceitos ou noções do discurso em foco e que apresentam um grau de ocorrência mínima no discurso dos informantes; c) termos que caracterizam o universo sociocultural das pessoas relacionadas às atividades com o sal acima mencionadas.

A partir destes critérios, dispomos os termos nos quatro campos conceituais adotados: Fabricação, Beneficiamento, Comercialização e Utilização e Consumo.

### 2.2.2 Organização Interna do Glossário

Uma obra lexicográfica pode ter principalmente dois componentes estruturais: a macroestrutura, e a microestrutura.

A macroestrutura é a organização interna que está relacionada às características gerais do repertório. Quanto aos critérios para a organização dos termos na macroestrut-

tura, a grafia dos termos do glossário obedece à regularidade ortográfica da língua portuguesa (variante brasileira). E no que tange às relações de sentido entre os termos e suas entradas no glossário, o critério metodológico que adotamos foi o de abrir tantos verbetes quantos fossem os conceitos designados pelo termo.

A Microestrutura é o conjunto organizado e estruturado dos dados contidos no verbete. Conforme o esquema apresentado por Barbosa (1989: 570), na microestrutura, os verbetes se apresentam basicamente da seguinte forma: **Verbete** = [+Termo-entrada + Enunciado lexicográfico]

O verbete é a menor unidade autônoma de um dicionário. A entrada é cada um dos termos inscritos em ordem alfabética no glossário, sobre os quais recai a comunicação do lexicógrafo para o consulente da obra lexicográfica. O enunciado lexicográfico é o “conjunto de ‘informações’ ordenadas que se seguem à entrada e que tem uma estrutura constante, correspondente a um programa e a um código de informação aplicáveis a qualquer entrada” (BARBOSA, 1989: 570).

Com base nessas considerações acima, o nosso glossário foi organizado em ordem alfabética e o verbete completo constituiu-se pelos seguintes campos<sup>10</sup>: + termo-entrada + referências gramaticais +/- variante +/- definição +/- contexto e fonte +/- remissivas +/- notas + domínio + dicionarização do termo e sua aceção dicionarizada + campo conceitual. Para melhor compreensão, veja a seguir uma amostra de verbetes do Glossário.

## 3 UMA AMOSTRA DE VERBETES DO GLOSSÁRIO DOS TERMOS SAL

**ABRIDOR DE SACO** S.m.

Responsável de abrir o saco e enchê-lo de sal na boca do moinho.

“O sal é moído e daí já vem o pessoal. Tem uma pessoa pra abrir o saco na boca do moinho. Essa pessoa é o **abridor de saco**. O moinho tá em alta velocidade, moendo sal, ele abre o saco e bota na boca do moinho.” (08 – PDB – MF3E2MO).

Cf. *boqueiro; balanceiro; costurador; arrumador*.

**NL:** Termo complexo formado de nome + sintagma preposicionado. Este termo foi registrado a partir do *corpus* falado. - *Salicultura; TND; Beneficiamento*.

**ÁGUA-MÃE** S.f.

Var. *salmoura drenada; água residual; salmoura residual; salmoura saturada*.

<sup>8</sup> Devido à própria natureza da pesquisa, as *lexias* textuais, tratadas também por Pottier, não são abordadas neste trabalho. Neste trabalho, os vocábulos “*lexia*” e “*termo*” sempre são tomando como termos equivalentes, já que as *lexias* que estamos tratando são *lexias* especializadas da área da Indústria do Sal e, portanto, termos. Dessa forma, quando registramos “*termo* complexo”, por exemplo, estamos referindo-nos à “*lexia* complexa”.

<sup>9</sup> Biderman (1984: 140) Também vai tratar sobre as *lexias* afirmando que elas são formas que um *lexema* assume no discurso.

<sup>10</sup> Enquanto a notação “+” significa a obrigatoriedade, “+/-” quer dizer a facultatividade da preenchimento do campo.

Água que é lançada de volta para o mar, após o grau de salinidade atingir 28° Baumé, possuindo grande quantidade de sulfato de cálcio, sulfato de magnésio, cloreto de magnésio, brometo de sódio e cloreto de potássio, componentes químicos que são prejudiciais ao homem, mas que poderiam ser aproveitados industrialmente.

“Estando em ponto de se iniciar a colheita, a água que resta, a chamada **água-mãe**, é lançada em um canal, a escoadeira, e volta ao rio ou à maré.” (ANDRADE, 1995: 101).

Cf. **drenagem**.

**NL:** Termo composto por justaposição. O Plural deste termo é águas-mães.

- *Química; TDAE; fabricação.*

#### **ARRUMADOR** S.m.

Responsável de pegar o sal embalado, da esteira transportadora, e colocá-lo dentro da carreta, numa certa ordem.

“Depois que passa pela máquina de costura, tem uma esteira transportadora que transporta o sal pra cima da carreta. Essa esteira não costura, é só pra transportador o sal pra cima da carreta. Lá onde ficam dois **arrumadores** arrumando os sacos em cima das carretas.” (08 – PDB – MF3E2MO).

Cf. **abridor de saco; boqueiro; balanceiro; costurador**.

**NL:** De arrumar + -dor. Este termo foi registrado a partir do *corpus* falado.

- *Salicultura; TDAC; beneficiamento.*

#### **BALANCEIRO** S.m.

Var. **Pesador**.

Responsável de pesar o sal embalado no armazém.

“Aí são dois balanceiros. Cada moinho, são dois **balanceiros**. Esses dois é quem pesa o sal.” (08 – PDB – MF3E2MO).

Cf. **abridor de saco; boqueiro; costurador; arrumador**.

**NL:** De balança + -eiro. Este termo foi registrado a partir do *corpus* falado.

- *Salicultura; TDAE; beneficiamento.*

#### **BALDE** S.m.

“Para controlar a espessura do sal, o feitor, em data fixa, quebra e retira uma amostra da lâmina de sal de cada cristizador e deixa-a no aterro, na beira do caminho. Quem passa já sabe pela amostra o quanto já depositou cada **balde**.” (THIEBLOT, 1979: 91).

Ver **cristizador**.

**NL:** De origem controversa.

- *Salicultura; TDAC; fabricação.*

#### **BENEFICIAMENTO** S.m.

Segunda etapa da produção do sal grosso que consiste na lavagem, moagem e refino do produto, com aplicação de aditivos.

“No segmento de **beneficiamento** do sal, ou seja, moagem e refino, nota-se claramente um modelo voltado para o mercado interno, onde poucas empresas adotam um modelo orientado para o marketing, buscando produtos de maior conveniência ao mercado varejista, institucional e industrial.” (SILVA, 2001: 112).

**NL:** De beneficiar + -mento.

**NE:** Depois de beneficiado, quando destinado ao consumo humano, o sal é iodado, de acordo com a legislação brasileira. - *Salicultura; TDAE; beneficiamento.*

#### **BOQUEIRO** S.m.

Var. **Puxador**.

Responsável de pegar o sal embalado na boca do moinho e colocá-lo na balança.

“E já tem um **boqueiro** pra tirar esse saco daqui botar em cima das balanças. **Boqueiro** é quando ele pega o sal e coloca sobre as balanças pra pesar.” (08 – PDB – MF3E2MO).

Cf. **abridor de saco; balanceiro; costurador; arrumador**.

**NL:** De boqu(i)- + -eiro. Este termo foi registrado a partir do *corpus* falado.

- *Salicultura; TND; beneficiamento.*

#### **CERCO** S.m.

Var. **viveiro**.

Primeiro e maior reservatório da salina que serve para armazenar as águas do mar.

“Os **cercos**, geralmente em número de três, se comunicam entre eles e a água vai passando de um para outro à proporção que se eleva o grau de salinização.” (ANDRADE, 1995: 44). Cf.: **concentrador; cristizador**.

**NL:** Deverbal de cercar.

**NE:** A água entra no primeiro cerco com 2°. Baumé e sai do terceiro com 6°. Baumé. Em geral os cercos são muito amplos — cerca de 600 a 1000m<sup>2</sup> — e têm profundidade de 80 cm a 1 metro. Nos cercos, encontram-se muitos peixes, garças brancas e marrecos. Do último cerco, a água segue para um número variável de evaporadores.

- *Hidrologia; TDAC; fabricação.*

#### **CLORETO DE SÓDIO** S.m.

Composto químico constituído pelos elementos sódio e cloro, sendo o principal constituinte do sal de cozinha.

“A grande diversidade de aplicações exigiu especificações técnicas extremamente rígidas para o **cloreto de sódio** destinado à indústria, trazendo em consequência, nos últimos anos, grandes melhoramentos tecnológicos, que são acompanhados permanentemente pelas principais empresas brasileiras, que se mantêm assim, em condições de atender às exigências dos mercados nacional e internacional” (SILVA, 2001: 86).

Ver **sal**.

Cf.: **sal de cozinha**.

**NL:** Termo complexo formado de nome + sintagma preposicionado.

**NE:** A fórmula química do Cloreto de sódio é NaCl.

- *Química; TDAE; fabricação/beneficiamento/Comercialização/utilização e consumo.*

**COLHEITA** S.f.

Quinta fase da fabricação do sal que consiste na retirada do sal dos cristalizadores, de forma manual ou mecânica.

“Os equipamentos usados para **colheita** de lajes espessas, depositadas sobre sal, tem uma tarefa bem mais árdua. Não existindo uma interface que facilite a separação do sal permanente daquele a ser colhido, há necessidade de utilização de um sistema de fragmentação da laje de sal.” (CÂMARA, 1999: 48).

Cf.: *enxada; alavanca; chibanca; colhedeira; caçamba; motoniveladoras.*

**NL:** Do latim *collecta*, por via popular.

- *Salicultura; TDAC; fabricação.*

**COLHEITADEIRA** S.f.

Var. *colhedeira.*

Máquina usada para apanhar o sal dos cristalizadores e transportá-lo para as caçambas.

“Todo o processo de extração, que parece rudimentar, é realizado com a ajuda das máquinas. São **colheitadeiras**, esteiras móveis e motorizadas, tratores, motoniveladoras para nivelamento do terreno após a colheita.” (SOUTO, 2005: 40).

Cf.: *colheita.*

**NL:** De colheita + -deira.

**NE:** Ao se deslocar, a colheitadeira empurra o sal quebrado para uma caçamba, elevando-o e despejando-o sobre o equipamento de transporte.

- *Engenharia Mecânica; TDAE; fabricação.*

**COLHER** V.

Var. *Coalhar 2.*

Extrair o sal dos cristalizadores.

“Assim, no processo da colheita, para quebrar e **colher** a grande lâmina de sal que se formava nos cristalizadores, não se usavam mais batalhões de operários, manobrando alavancas, ferros-de-cova e chibancas, que manejaram, através dos tempos.” (GURGEL, 2002: 73).

Cf. *colheita.*

**NL:** Do latim *colligere*, por via popular.

- *Salicultura; TDAE; fabricação.*

**COSTURADOR** S.m.

Responsável pela operação da máquina de costurar sacos de sal, numa esteira transportadora.

“... é porque tem uma esteira nela, a gente bota na esteira, a esteira vai andando e ali quando chega em determinado ponto, o **costurador** aperta o pedal, com mais uma

forçinha, porque ali ele costura o saco. Sim, tem a esteira e tem a máquina de costurar na mesma máquina de costura.” (03 – NML - MF2E2MO).

Cf. *abridor de saco; boqueiro; balanceiro; arrumador.*

**NL:** De costurar + -dor. Este termo foi registrado a partir do *corpus* falado.

- *Salicultura; TDAC; beneficiamento.*

**CRISTALIZAÇÃO** S.f.

Última fase da fabricação em que a salmoura é transformada em sal cristalizado.

“Cada vez que a salmoura que envolve os cristais atinge a saturação, começa novamente a haver **cristalização** e os cristais formados vão reforçando as pequenas pontes ou formando novas ligações nos pontos de contato de um grão com os outros.” (CÂMARA, 1999: 69).

Cf.: *extração; evaporação; concentração.*

**NL:** De cristalizar + -ção.

- *Salicultura; TDAE; fabricação.*

**CRISTALIZADOR** S.m.

Var. *balde.*

Último tanque onde as águas concentradas entram com 25° e chegam a 29° Bé, quando acontece a precipitação, fabricando assim o sal cristalizado puro.

“Logo que o **cristalizador** está desocupado, volta-se a abrir as portas de admissão para tentar uma segunda colheita, lá pelo mês de março. Fim de fevereiro, começo de março, vêm as chuvas torrenciais que acabam com o sal: perturbam a graduação, derretem o sal já depositado; forçosamente o trabalho finda.” (THIEBLOT, 1979: 87).

Cf.: *cristalização; fabricação; evaporação; concentração; precipitação; área de cristalização.*

**NL:** De cristalizar + -dor.

**NE:** Nos cristalizadores é feito o controle de densidade, nível de evaporação, concentração dos principais constituintes iônicos e sais solúveis, bem como o acompanhamento de cristais do cloreto de sódio.

- *Salicultura; TDAC; fabricação.*

**EVAPORAÇÃO** S.f.

Segunda fase da extração do sal marinho em que a salmoura vai passando pelos diversos evaporadores, quando vai, gradativamente aumentando a sua densidade, até chegar ao ponto de alimentação dos cristalizadores.

“O cloreto de sódio é liberado nesta faixa de salinidade, quando o processo de **evaporação** deve ser cessado, dando início à colheita.” (SILVA, 2005: 82).

Cf.: *evaporador; fabricação; cristalização; concentração.*

**NL:** Do latim *evaporatione*.

**NE:** Nesta fase, acontece a precipitação de partículas, tais como: areia, lama e detritos orgânicos, bem como há uma tendência de crescimento da concentração de cloreto de sódio.

- *Salicultura; TDAC; fabricação.*

**MOINHO** S.m.

Máquina que serve para moer o sal grosso.

“Nesse período, constatou-se na cidade de Grossos-RN, uma pilha de sal ao céu aberto, com uma rosca sem-fim puxando o sal para o **moinho** e pessoas embalando o sal para embarcar o produto.” (SILVA, 2001: 132).

Cf. **moagem**; **elevador**.

NL: Do latim *molinu* (pedra grande).

- *Salicultura*; *TDAE*; *beneficiamento*.

**PESADOR** S.m.

“E os dois **pesadores** ficam colocando em cima da esteira de costurar saco que aí já tem um costurador na esteira transportadora, sentado.” (08 – PDB – MF3E2MO).

Ver **Balanceiro**.

Cf. **abridor de saco**; **boqueiro**; **costurador**; **arrumador**.

NL: De pesar + -dor. Este termo foi registrado a partir do *corpus* falado.

- *Salicultura*; *TDAC*; *beneficiamento*.

**SAL** S.m.

Var.: **cloreto de sódio**; **sal comum**.

Designação usual do cloreto de sódio.

“O **sal** é um dos produtos minerais mais utilizados pelo homem desde a mais remota antiguidade, graças às suas múltiplas utilizações, e cuja produção a cada dia se torna mais importante” (ANDRADE, 1995: 11).

Cf.: **sal de cozinha**; **sal de mesa**.

NL: Do latim *sale*.

- *Química/Salicultura*; *TDAE*; *fabricação/beneficiamento/Comercialização/Utilização e consumo*.

**SAL LIGHT** S.m.

Tipo de sal no qual parte do sódio é substituído por potássio, composto assim de 50% de cloreto de sódio e 50% de cloreto de potássio, que também é um sal.

“Algumas empresas já estão buscando, se bem que ainda muito timidamente, novos itens de venda, como o **sal light**. (SILVA, 2001: 112).

Cf.: **sal**; **sal de cozinha**; **sal iodado**; **cloreto de sódio**; **cloreto de potássio**, **potássio**.

NL: Termo complexo formado de nome + adjetivo (empréstimo linguístico do inglês).

NE: Por ser diurético, este tipo de sal pode ser consumido por hipertensos devido à sua redução de sódio. Mas, ao contrário do que o nome sugere, o **sal light** não é indicado para quem precisa perder peso.

- *Química/Salicultura*; *TND*; *Beneficiamento/Comercialização/Utilização e consumo*.

#### 4 ALGUMAS ANÁLISES DA PESQUISA

Elaborar esse Glossário, com 325 verbetes, não significa dizer que a terminologia do Sal está limitada

apenas a essa quantidade de termos. Por isso, julgamos que tal glossário, num outro momento, deva ser renovado e ampliado com novos termos. Que possamos, futuramente, numa pesquisa mais aprofundada, também levar em conta o registro de novas variantes na terminologia do Sal.

Pelo que pudemos observar nas variantes apresentadas no Glossário, a variação terminológica não impediu a comunicação e a interação sócio-profissionais entre as pessoas que empregam a mesma terminologia e desenvolvem atividades distintas relacionadas à Indústria do Sal.

A partir daí, cremos que o GLOSSAL expressa, então, um conhecimento proveniente das experiências particulares de pessoas que atuam numa mesma realidade específica que é percebida e codificada diferentemente por diversos profissionais da mesma área. Isto que dizer também que os diversos termos refletem experiências e visões de mundo diferentes.

Além disso, a elaboração do GLOSSAL fez-nos refletir sobre a necessidade do surgimento de novos trabalhos e posturas teórico-metodológicas apropriados à pesquisa no âmbito da Socioterminologia, que possa repercutir em propostas apropriadas ao registro das variantes terminológicas nos diversos modelos de trabalhos terminográficos adotados hoje em dia. Podemos, por exemplo, em vez de um glossário monolíngüe, elaborar depois um dicionário bilíngüe dos termos da Indústria do Sal.

Do total de 325 termos, os termos substantivos, incluindo aí os termos complexos nominais, foram mais frequentes (86,76%). Embora com um percentual inferior aos substantivos, em segundo lugar, vem os verbos (7,39%) e, por último, aparecem os adjetivos (5,85%). Esta distribuição já era prevista e veio só se confirmar. Porém, o que nos chamou à atenção foi a não-ocorrência dos termos sintagmáticos verbais e dos adjetivais. Na verdade, no geral, os verbos e os adjetivos apresentaram-se apenas como termos simples. Por outro lado, os substantivos surgiram nas três formas previstas. Dos 282 substantivos, os termos simples ficaram em primeiro lugar (53,23%). Logo depois, vem os termos complexos nominais (28,92%) e por fim, os termos compostos (4,61%). Lembrando, mais uma vez que, quando falamos em “termo”, empregamos este vocábulo como equivalente de “lexia” da terminologia de Pottier. Isto se deu, pois entendemos que as lexias fazem parte de uma língua de especializada e, portanto, são termos.

Quanto ao domínio de conhecimento específico em que o termo é usado inicialmente, pudemos ver que os maiores índices de ocorrência aconteceram no próprio domínio da salicultura (190 termos). Mas outra coisa que constatamos, foi que, realmente, os termos se deslocam de um domínio para outro. Isto é, as línguas de especialidade não se constituem apenas através dos seus termos exclusivos. E este fato enriqueceu muito a área em foco. Afinal de contas, sempre vivemos numa interdisciplinaridade e numa reciprocidade no que se concerne ao mundo dos conhecimentos.

Em relação à dicionarização, tivemos 223 dos termos dicionarizados (68,61%) e apenas 102 (31,39%) não-dicionarizados. Mas dos 223 termos dicionarizados, 102 termos foram dicionarizados com acepções complementares (45,74%) e 26 termos dicionarizados com acepções diferentes (11,66%). Ou seja, são 128 termos não dicionarizados com acepções equivalentes. Verificamos, então, que os 102 termos não-dicionarizados e os 26 termos dicionarizados com acepções diferentes correspondem aos neologismos semânticos.

Além de elaborar um glossário da área da Indústria do Sal, sentimos também a necessidade de sistematizar os campos conceituais da terminologia deste domínio. A possibilidade de distribuição dos termos em campos, dentro do próprio domínio em foco, permite-nos afirmar que o conhecimento especializado em questão, que foi a terminologia do sal, também internamente ele já era sistematizado, embora a nossa proposta agora tenha sido de registrar essa sistematização através da elaboração do glossário.

Quantas às variantes que ocorreram na terminologia em questão, elas refletem a criatividade e a economia linguística, características das línguas naturais, que estão em constante modificação e desenvolvimento. Com isso, vimos que para a Socioterminologia, as variantes são resultantes das diversas utilizações do termo, ou seja, o termo pode assumir diferentes valores, em diferentes tipos de situação de uso. Foi a partir dessa concepção que procuramos distinguir um termo de uma variante.

Para isso, notamos o seguinte: às vezes em que ocorreu variação, os termos puderam seguir em dois movimentos contrários: de um lado, tivemos variantes quando termos diferentes foram gerados para um mesmo conceito. Podemos chamar as variantes que seguem este sentido de variantes léxicas ou lexicais. No GLOSSAL, houve 92 ocorrências deste tipo de variação.

Por outro lado, tivemos também variantes quando conceitos distintos foram criados para um mesmo termo. Neste caso, temos as variantes semânticas que no nosso glossário ocorrem 24 vezes. No total, levando em conta os dois movimentos, o GLOSSAL apresentou-se com 116 ocorrências de variantes. Isto corresponde a 35,7% de 325 que é o total de termos do glossário. Julgamos que esse percentual foi um bom número, considerando que o GLOSSAL é uma amostra do universo tão grande que é o domínio da Indústria e da Cultura do Sal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, neste trabalho, tivemos o objetivo de apresentar o resultado da elaboração de um glossário socioterminológico dos termos da indústria do sal, tanto na modalidade escrita, como também na modalidade oral, levando em conta a possibilidade da variação dos termos dessa área.

Acreditamos que o propósito inicial foi alcançado com sucesso, pois a elaboração do glossário e o próprio trabalho como um todo enriqueceram-nos com novos conhecimentos linguísticos. Além disso, tal trabalho também vai contribuir com a divulgação da área da Indústria e da Cultura do Sal, bem como proporcionar a propagação do conhecimento e da cultura dos moradores das localidades pesquisadas.

Portanto, almejamos que o presente trabalho possa tornar-se um instrumento útil para todos aqueles que pretendam entrar em contato com essa terminologia. Na verdade, o nosso trabalho foi apenas uma “pitadinha” de sal. Esperamos que dê um sabor todo especial ao conhecimento de todos aqueles que vão ter a oportunidade de prová-la.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M.A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Ciência da Informação*. v. 24, número 3, 1995.

\_\_\_\_\_. Dicionário de língua, vocabulários técnicos-científicos, glossários: estatuto semântico-sintáticos das unidades-padrão. In: Estudos Linguísticos XXIII. SEMINÁRIOS DO GEL. *Anais*. São Paulo, GEL/USP, 1994, p. 289-294.

\_\_\_\_\_. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA - II E ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICA-CIENTÍFICA - I. *Anais*. Brasília: IBICT, 1990, p. 153).

\_\_\_\_\_. Da macroestrutura dos vocabulários técnico-científicos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL - IV. *Anais*. São Paulo: PUC, 1989, 26-28 de julho, p. 567-578.

BARROS, Lídia A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.

BOULANGER, J.C. Une lecture sócioculturelle de la terminologie. In: *Cahiers de Linguistique Sociale* (18), 1991, 13-30.

BOUTIN-QUESNEL, Rachel et al. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. OLF, Québec, Publications du Québec, 1985. Tradução para o português de E. Faulstich.

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*. v. 24, n. 3, 1995.

FAULSTICH, Enilde. A Socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*. v.58 n.2 São Paulo abr./jun. 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S00096725](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00096725)>

2006000200012&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0009-6725. Acesso em: 15 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie. In: *Terminology*, Vol. 5(1), Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.: 1998. p. 93-103.

\_\_\_\_\_. Variantes terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha. REFLEXIONS METHODOLOGIQUES SUR LE TRAVAIL EN TERMINOLOGIE ET EN TERMINOTIQUE DANS LES LANGUES LATINES. *Actes*. Realiter/ Université de Nice Sophia-Antipolis, Nice, 1996, pp. 15-20. Disponível em: <http://www.realiter.net/nice/faultstich.htm>. Acesso em: 22 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. Base metodológica para pesquisa em socioterminologia. Brasília, LIV/UNB, 1995.

FERREIRA, Raimundo Ruberval. *Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da industria da rede de dormir e um estudo dos movimentos sígnicos constitutivos de sua linguagem*. Fortaleza, 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística / UFC.

GAUDIN, François. *Pour une socioterminologie: des problèmes pratiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993.

KRIEGER, M. das Graças.; FINATTO, M. José B. *Introdução à terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

PONTES, Antonio Luciano. Terminologia e variação. In: *Estudos de Sociolinguística Portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

POTTIER, B. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1987.

REY-DEBOUVE, J. *Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Paris : The Hague, Mouton, 1971.

SILVA, Moises Batista da. *A terminologia do sal no RN: uma abordagem socioterminológica*. Fortaleza, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística / UFC.

SAGER, Juan Carlos. *A practical course in terminology processing*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1998.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*. v 4. Oxford: Oxford University Press, 2004.